

Os limites do funcionamento interpretante do aparato psíquico

Anna Carolina Lo Bianco

Verônica Martinelli

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

De início, o artigo identifica uma função interpretante na conceituação do aparato psíquico realizada por Freud. Esta função encontra-se melhor explicada no desenvolvimento da “Interpretação dos Sonhos”, os quais operam, por sua vez, a mesma função interpretante. Em seguida, argumenta que, desde 1900, Freud conceitua um limite e uma exceção no funcionamento da interpretação nos sonhos, localizando-os, no entanto, em duas tópicas diferentes. A visão de Lacan vem introduzir uma nova inteligibilidade à interpretação ao ressituar os seus limites no lugar mesmo do funcionamento do aparato. Esse instante de impossibilidade, presente em toda interpretação, é examinado tendo em vista a sua consequência clínica de apontar para a necessidade do ato analítico, como a intervenção que faz advir o sujeito da análise.

Palavras-chave: Função interpretante, Limites da interpretação, Ato psicanalítico.

Abstract

The limits of the interpretative function of the psychic apparatus

Firstly the article identifies an interpretative function in the conceptualization of the psychic apparatus, by Freud. This function is best explained in “The Interpretation of Dreams”. These are understood to operate in their turn the same interpretative function as the apparatus. Secondly it is argued that since 1900 Freud conceptualizes a limit and an exception in the function of dream-interpretation. However, he localizes these limits in two different explanations of the apparatus. Lacan introduces a new way of understanding the matter by affirming that the limits are comprehended in one and the same explanation of the functioning of the apparatus. A moment of impossibility which is present in all interpretations is examined in view of its clinical consequences, since it points to a necessary analytical act. This is the intervention that makes it possible for the analytical subject to exist.

Key words: Interpretative function, Limits of interpretation, Analytical act.

A questão da interpretação está lançada duas vezes na *Traumdeutung* de Freud. A primeira, em seu título mesmo, que nos remete à dimensão interpretante do sonho — a “interpretação-sonho”. A segunda, no uso que faz do funcionamento do sonho — e, portanto, dessa sua dimensão interpretante —, na formulação que dá ao aparato psíquico. O tratado de Freud de 1900 toma como objeto o movimento interpretante do aparelho no funcionamento do sonho. A partir dele, podemos enfatizar a característica do sonho que, ao realizar o desejo, realiza uma interpretação. Ao mesmo tempo, ao acompanhar a constituição do sonho em seu movimento, vemos Freud desenvolver e explicar a formação e o funcionamento do próprio aparato psíquico. A partir daí, ele pode ser pensado na sua face

de aparato interpretante, que, no entanto, no desempenho de sua função, encontra um ponto de “fracasso”: o ponto no funcionamento do aparato em que a interpretação encontra seu limite.

Os sonhos de angústia e traumáticos são temas privilegiados para pensarmos tal limite. Ao mesmo tempo, a ênfase nessas dimensões interpretantes do sonho e do aparato psíquico nos permite apreender e tornar inteligível o processo de interpretação na teoria da clínica psicanalítica. Conforme demonstramos anteriormente, é possível tomarmos a explicação metapsicológica da interpretação e estendê-la à prática da interpretação em análise (Lo Bianco, 1999). No presente trabalho, procuraremos examinar a relação entre o que podemos denominar de uma metapsicologia da inter-

pretação e uma clínica da interpretação. Daremos especial atenção à impossibilidade de interpretação no sonho, ponto esse que estaremos caracterizando como de fracasso da função interpretante do aparato. Fracasso, que, por sua vez, aponta o impossível da interpretação em análise. É nossa intenção encontrarmos aí o momento em que o ato analítico se faz presente por necessidade.

Já em 1895, distinguimos na formulação do aparato, a tentativa de Freud de caracterizar essa função interpretante. Ao examinar e acentuar a característica de vividez do sonho, ele a remete para um movimento de *Bezetsung* (de investimento, portanto, um movimento quantitativo vindo do sistema ϕ que não conhece qualidade) e, ao mesmo tempo, um movimento de *Bedeutung* da representação (de “significatividade”, portanto, um movimento em que está em jogo o “valor psíquico” da representação) (Etcheverri, 1996; Freud, 1895/1996). Ou seja, a representação da qual vai se compor o sonho é vívida tanto por causa de um investimento quantitativo, quanto por seu valor psíquico, por sua “significatividade”. Trata-se, então, de um registro não puramente quantitativo, mas de um registro intensivo em que a característica de investimento quantitativo da representação não se perde, mas é considerado simultaneamente na sua implicação valorativa. Reconhecemos na presença desse registro que envolve tanto a intensidade quanto a “valoração”, a presença da referida função interpretante.

Posteriormente, identificamos uma nova tentativa de sistematização quando Freud (1900/1996) concebe o aparato como composto de um sistema inconsciente e um pré-consciente/consciente. Através deles, propagam-se as excitações vindas das percepções. Essa propagação exige reorganizações, novas transcrições, segundo a lógica de cada sistema. Há um pólo que recebe tais excitações e permanece livre uma vez que elas são transmitidas por associação de simultaneidade à primeira instância mnemônica. Em seguida, elas passam às outras instâncias mnemônicas por associação de semelhança e aí as excitações sofrerão alguma retenção. Trata-se de um movimento em que as percepções são “tomadas” pelo aparelho e nele sofrem uma série de alterações até serem expressas como representações oníricas, poderíamos dizer: interpretações. Essas representações são resultado de investimentos, isto é, valores psíquicos que lhes constituem, dando-lhes um caráter alucinatório que leva a que se acredite poder vivenciá-las — o caráter de vividez a que aludimos, ressaltado inúmeras vezes por Freud (1895/1996; 1900/1996).

Essas representações oníricas são a expressão de motivações de desejo que nelas se realizam. Portanto, pensar a interpretação nesse ponto, ou seja, pensar o movimento interpretante realizado no aparato pelos investimentos, pelas significações das representações oníricas, é pensar a re-

alização do desejo: desde sua constituição até os obstáculos que enfrenta em seu caminho, os quais levam, como procuramos argumentar, ao limite dessa realização. O sonho é interpretação e realização de desejo. O desejo se realiza no sonhar, ou, como podemos ler em Lacan (1964/1979)¹, “o desejo é sua interpretação” (p. 167).

A articulação dos conceitos de desejo e de interpretação nos levam, pois, a encontrar no trabalho onírico uma possibilidade de inteligibilidade metapsicológica. Como dissemos, Freud (1900/1996) usa a sua explicação sobre os sonhos como um dos modos privilegiados para a construção da metapsicologia do aparato psíquico. Desta forma, quando evidenciamos a dimensão interpretante dos sonhos, estamos falando, também, de um aspecto interpretante do próprio aparato psíquico, aspecto que se atualiza no trabalho onírico.

O caminho que estamos trilhando não é sem conseqüências para a clínica. Quando na cena analítica uma interpretação se produz, trata-se — e isso já dizia Foucault (1980) — de interpretação de interpretação (p. 17). O movimento interpretante por excelência é feito pelo próprio aparato e se faz a partir do modelo indicado pelo funcionamento psíquico. No entanto, ele pressupõe a cena analítica e o laço transferencial. É esse último que, ao se instalar na cena analítica, permite à interpretação feita pelo aparato se presentificar. A interpretação, nesse ponto, não é algo a ser dado pelo analista ao analisando. Ela toma seu lugar entre a escuta e a associação livre.

Mas, há um momento — esse em que queremos insistir — em que essa dimensão encontra seu limite. Os sonhos de angústia e os sonhos traumáticos, como arguimos, são temas privilegiados através dos quais podemos considerar a expressão dessa lógica que inclui o ponto de “fracasso” da função interpretante.

Na *Traumdeutung*, o sonho de angústia é descrito como uma falsa exceção à realização do desejo. A angústia seria a reação do eu frente ao perigo e ao excesso que representa, para ele, a realização do desejo inconsciente. Ao falar dos sonhos de angústia, Freud (1900/1996) afirma que eles não dizem respeito a um problema dos sonhos, mas a um problema da angústia. Essa afirmação nos permite perceber que não se trata de uma questão específica do trabalho onírico, mas de uma problemática que concerne ao funcionamento do aparato psíquico como um todo.

Em “Além do Princípio do Prazer” (Freud, 1920/1996) vai-se poder dar continuidade às considerações sobre o limite desse funcionamento. Nesse texto, ainda usando o modelo dos sonhos, Freud mostra que pode haver uma verdadeira exceção à idéia de que sonho é realização de desejo: os sonhos traumáticos — aqueles sonhos nos quais se repete uma cena terrível que provocou susto, já que o sonhador se deparou com ele sem que estivesse preparado.

Anteriormente, na primeira tópica, a idéia de trauma já comparecia, tratava-se de um excesso no campo sexual. O aparato psíquico era regulado pela busca do prazer obtido através do escoamento ou da ligação dessas excitações excessivas que a ele se impunham. Em “Além do Princípio do Prazer”, no entanto, apesar do caráter excessivo do trauma permanecer (trata-se da invasão de uma grande intensidade frente à qual o aparato encontra um ponto limite), o trabalho de vinculação do excesso, isto é, o trabalho de interpretação, fracassa. Os sonhos traumáticos são a prova de que o movimento interpretante do aparato se estanca.

O que está em questão, pois, é o campo de impossibilidade com o qual se depara a lógica da busca do prazer e a eliminação do desprazer, lógica essa que governa a explicação dos processos psíquicos apresentada por Freud na primeira tópica. Como o aparato não pode trabalhar com uma quantidade muito excessiva de excitação, ele reduz os efeitos dessa através de um escudo protetor. O trauma é uma quantidade de excitação tão poderosa que rompe essa barreira protetora, tendo o efeito de uma ruptura que gera distúrbios no funcionamento psíquico. O que Freud (1920/1996) defende, então, é que o princípio do prazer, para funcionar, precisa de condições mínimas. Acreditamos que o trauma só funciona como uma invasão poderosa o bastante para romper com essas condições porque, justamente, interrompe o trabalho de vinculação a que visa o aparato. A esse resta o desafio do recobrimento do excesso, ou, em termos econômicos, da vinculação da excitação excessiva que ele apresenta.

Podemos, então, acompanhar Freud colocando o limite do interpretável em sua segunda tópica. A função interpretante do sonho — indicada na *Traumdeutung* — e o que aponta para o “fracasso” dessa função se apresentariam, poderíamos dizer, como momentos heterogêneos, cada um correspondendo ao que é próprio a uma das tópicas freudianas. Assim, a “interpretação-sonho”, como a chamamos, encontraria seu lugar em um aparato explicado pelo princípio do prazer, no qual o psiquismo não cessaria de recobrir o que se impõe a ele — referência à exigência pulsional e às quantidades que chegam ao aparato através da percepção; ponto a que se dirigiria Freud em 1900. Por outro lado, os limites da interpretação se articulariam com a idéia de um “além do princípio do prazer”. Idéia essa que abriria espaço para aquilo que cala e seria conceituada em 1920.

Nesse ponto, entretanto, é importante seguirmos a via aberta por Lacan que vai nos oferecer uma nova inteligibilidade sobre as questões do aparato em sua dimensão interpretante. Com Lacan (1964/1979)², a questão do inacessível à interpretação é trazida para o campo mesmo da realização de desejo. Para falar do limite da interpretabilidade, Lacan (1964/1979)³ recorre justamente — e certamente não é por acaso — a um sonho que Freud

apresenta e discute em 1900. O famoso sonho de angústia no qual um homem sonha com seu filho, que acabara de morrer, lhe perguntando: “Pai, não vês que estou queimando?” (Freud, 1900/1996, p. 505). Na *Traumdeutung*, esse sonho é considerado uma exceção aparente à realização de desejo: se, para um sistema ele falha e não realiza o desejo porque a criança se queima, para o outro não há falha, posto que enquanto dorme o pai mantém seu filho vivo.

Lacan retoma esse sonho para mostrar que no lugar da realização de desejo há um ponto de não realização, de fracasso. Lida-se com o traumático no campo mesmo do sonho de angústia. “Pai, não vês que estou queimando?”, esta frase, dirá Lacan (1964/1979)⁴, é “tocha e o fogo pega no real” (p. 61). São essas “palavras incendiárias” (p. 61) que apontam para a realidade faltosa que levou a criança à morte.

Não estaria implicado aí o traumático desde o momento em que Freud (1899/1996) escreveu “Lembranças Encobridoras”? Não é de sexo e de morte que se trata então? Afinal, as duas questões se apresentam para o sujeito como um enigma. Elas evidenciam o impossível de dizer, justamente, o que Freud postulou através da idéia de excesso. Se o desejo aí comparece, dirá Lacan (1964/1979)⁵, é para evidenciar a perda radical de seu objeto. Ou seja, é para evidenciar o que esse objeto tem de real. A idéia de perda, a qual se recorre aqui, aponta para um desencontro, ou melhor, para um encontro onde a falta é o que se faz presente. Esse caminho que vai do desejo ao encontro faltoso foi descrito pelo próprio Freud, nos primórdios de sua obra. “No Projeto para uma Psicologia” (1895/1996), trabalha-se — através da noção de facilitação — com a idéia da impossibilidade de se repetir um momento primeiro de satisfação no qual o objeto teria se apresentado. A tentativa — que se refaz toda vez que o desejo se impõe — de recuperar esse tempo primeiro é, então, incessantemente marcada pelo desapontamento.

O conceito de repetição — que tem lugar privilegiado na explicação da experiência de satisfação tal como apresentada no “Projeto” (1895/1996) — será repensado por Freud em 1920. Lacan irá recorrer a esse mesmo conceito para indicar o que é, no sonho, o ponto de encontro com o real. Nas palavras “Pai, não vês que estou queimando?” Lacan (1964/1979)⁶ apreende não apenas a realidade que atravessa o sonho e traz o sofrimento e a culpa de um pai que deixa o filho morto queimar, mas, também, uma outra realidade para além dessa: a realidade do encontro faltoso com o filho morto. Essa idéia é desenvolvida no Seminário XI, em um capítulo dedicado à repetição. Trata-se nele de diferenciar o *autômaton* — o movimento de insistência dos signos que é próprio do princípio do prazer — da *tiquê* — encontro sempre faltoso com o real. Evidencia-se, nesse capítulo, que, para além do movimento dos signos que caracte-

riza a função interpretante do aparato, a *tiquê* intervém no trabalho onírico.

O sonho que se produz, então, vai ter a função de um rito, de uma “homenagem” (Lacan, 1964/1979, p. 60)⁷ ao que não pode mais se dar a não ser através da repetição infinita, homenagem a esse encontro com o real. Dessa forma, há algo que só pode se expressar na realidade do sonho, como repetição. Algo que, como Lacan (1964/1979)⁸ argumentará, produz-se por acaso. Estamos no lugar das contingências através das quais a impossibilidade se demonstra. Podemos aí falar de um encontro faltoso, apontando para o limite da função interpretante do aparato psíquico demarcada pelo campo do real traumático.

Ainda no capítulo sobre a *tiquê* e o *autômaton*, Lacan (1964/1979) afirma que o trauma é a forma do real no começo da experiência psicanalítica. O autor evidencia que a questão recai sobre o inassimilável. Esse inassimilável — que, como já dissemos, pode até mesmo suspender o funcionamento do aparato psíquico — aparece também no campo dos processos primários, nos sonhos portadores do desejo do sujeito. Lacan (1964/1979)⁹ afirmará que uma parte essencial do que é da ordem do real fica prisioneira das redes do princípio do prazer (p. 57). No entanto, esse aprisionamento não é mais que um revestimento, um ocultamento do real — através daquilo que estamos chamando aqui de interpretação — pelo lugar-tenente da representação, pela rede significante com a qual o sonho opera. É para além da interpretação feita pelo trabalho onírico que o real aponta para um lugar onde sempre o encontramos e de onde ele comanda o sujeito (p. 61).

O que a *Traumdeutung* nos mostra é que a “interpretação-sonho” encontra na sua própria realização um ponto de impossibilidade. Articulando essa idéia com a de função interpretante do aparato psíquico, podemos pensar o lugar daquilo que estamos considerando um fracasso dessa função, um momento em que se mostra um paradoxo: nos deparamos com o real no campo mesmo — ou ao menos em suas bordas — do princípio do prazer. Assim, o lugar do real traumático não está fora das redes da realização de desejo. Esses dois espaços — o do real e o do desejo — se constituem ao demarcarem mutuamente os seus limites. Se, por um lado, o real aparece como resto, como resíduo das operações de ligação, operações que podemos chamar de significantes as quais se efetuam no âmbito do princípio do prazer, por outro, ele retorna e se impõe a essas operações que não cessam de tentar ocultá-lo. Desta maneira, trata-se de lidar com o traumático no campo mesmo do significante, ou seja, de pensar o limite da significantização¹⁰.

Se falamos em significantização é para marcar que a função interpretante do aparato não se resume ao desvelamento ou à pura atribuição de sentido. Não é a partir

do campo dos significados que podemos encontrar o que é próprio do funcionamento da “interpretação-sonho”. Esse funcionamento implica o movimento da cadeia significante, ainda que esse seja contemporâneo de uma reestruturação do imaginário, de uma resignificação que satisfaz, sempre parcialmente, uma demanda de sentido.

Como indicamos, ao apontar para os momentos de impossibilidade da interpretação na cena analítica, toda discussão que propomos nesse artigo se inicia e recai sobre a teoria e a prática clínicas. Quando a função interpretante do aparato psíquico fracassa há uma inoperância da interpretação que se faz na cena analítica e uma insistência do traumático —, o encontro com o real. Esse fracasso só permite ao analista uma resposta: o ato.

Com a construção que estamos fazendo, procuramos retirar do ato a característica de inefabilidade que, muitas vezes, lhe é atribuída. Esse conceito é orientado aqui de uma forma precisa por aquilo que “no coração da experiência é o núcleo do real” (Lacan, 1964/1979, p. 55). O ato se apresenta como um elemento heterogêneo à cadeia associativa, produzindo, sobre ela, um efeito de ruptura, de corte. No entanto, sua eficácia incide na significância: ele demanda trabalho da cadeia significante que constrói os caminhos da sua reestruturação. Assim, o princípio do prazer recupera sua condição de funcionamento e as associações recomeçam.

O enigma dos três prisioneiros, descrito por Lacan (1966), nos apresenta uma situação onde não há mais nada a ser dito, não há mais sobre o que refletir; neste momento justamente é preciso concluir. Frente à pergunta “O que sou eu? Qual a minha cor?” a única resposta possível é o ato. Resposta que carrega em si o reconhecimento de um tempo no qual não surge um Outro que possa resolver o enigma, que seja detentor do saber ou da verdade. O ato comporta o instante de confrontação com a incompletude do Outro, momento de concluir, quando o sujeito tem de se precipitar para além da posição de objeto na qual se encontrava.

Desta forma, partindo da teoria dos sonhos postulada em 1900, chegamos à compreensão de uma função interpretante no aparato psíquico que nos apresenta simultaneamente a problemática do seu modo de funcionamento e de seu limite. Esse caminho se orienta pela necessidade de nos perguntarmos constantemente sobre nossa prática clínica, especialmente sobre o que representa um impasse, uma dificuldade para o que Freud considerava a condição fundamental da cura pela palavra: a associação livre.

Referências

- Etcheverri, J. L. (1996). Tradução do Proyecto de Psicología. In S. Freud, *Sigmund Freud Obras Completas: Vol. I*. (pp.323-446). Buenos Aires: Amorrortu.
- Foucault, M. (1980). Nietzsche, Freud e Marx. In *Nietzsche, Freud e Marx — Theatrum Philosophicum* (pp.5-34). Porto: Anagrama.

- Freud, S. (1996). Proyecto de Psicología. In S. Freud, *Sigmund Freud Obras Completas: Vol. I*. (pp.323-446). Buenos Aires: Amorrortu (Texto original publicado em 1895).
- Freud, S. (1996). Sobre los mecanismos encubridores. *Sigmund Freud Obras Completas: Vol. III*. (pp.291-316). Buenos Aires: Amorrortu. (Texto original publicado em 1899).
- Freud, S. (1996). La Interpretación de los sueños. In *Sigmund Freud Obras Completas: Vol. V*. (pp.345-609). Buenos Aires: Amorrortu. (Texto original publicado em 1900)
- Freud, S. (1996). Más allá del principio de placer. In *Sigmund Freud Obras Completas: Vol. XVIII* (pp.1-62). Buenos Aires: Amorrortu. (Texto original publicado em 1920).
- Lacan, J. (1979). *O seminário. Livro XI: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar. (Texto original publicado em 1964).
- Lacan, J. (1966) O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. In *Escritos* (pp.197-213). Rio de Janeiro: J. Zahar.
- Lo Bianco, A. C. (1999). Elementos para uma metapsicologia da interpretação em análise. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 12*, 741-752.

Notas

- ¹ Seminário pronunciado em 13 de maio de 1964.
- ² Seminário pronunciado em 12 de fevereiro de 1964.
- ³ Seminário pronunciado em 12 e 19 de fevereiro de 1964.
- ⁴ Seminário pronunciado em 12 de fevereiro de 1964.
- ⁵ Seminário pronunciado em 12 de fevereiro de 1964.
- ⁶ Seminário pronunciado em 12 de fevereiro de 1964.
- ⁷ Seminário pronunciado em 12 de fevereiro de 1964.
- ⁸ Seminário pronunciado em 12 de fevereiro de 1964.
- ⁹ Seminário pronunciado em 19 de fevereiro de 1964.
- ¹⁰ Usamos aqui o neologismo “significantização” para expressarmos a idéia de um movimento do aparelho de “colocar em termos significantes”. Esse movimento se oporia ao que meramente daria a significação ou o significado a algo.

Anna Carolina Lo Bianco, doutora em Psicanálise pela Universidade de Londres, é professora do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Endereço para correspondência: Av. Pasteur, 250 Fundos, 22290-240 Rio de Janeiro, RJ. E-mail: aclobianco@glb.com.br.

Verônica Martinelli é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Endereço para correspondência: R. Maranhão, 90, 20720-230 Rio de Janeiro, RJ. E-mail: veronicam@infolink.com.br.